

Religião o ópio do povo: crítica de Karl Marx a religião

Religion the opium of the people: Karl Marx's criticism of religion

CARLOS ALBERTO CÁCERES¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo expor a tese de Karl Marx do qual faz uma crítica a religião nosso texto principal é a celebre obra Crítica da filosofia do direito de Hegel de 1843 do qual Marx escreve apenas a introdução por volta de 1843 a 1844, foi publicada entre os dias 07 e 10 de fevereiro de 1844, na primeira parte trabalharemos com a famosa frase de Marx, a religião é o ópio do povo, frase essa que incomodou muita gente e ainda incomoda, vamos ver o que Marx quer dizer com essa frase e por que a religião é comparada com uma droga que é o ópio, pois da mesma forma que a droga deixa as pessoas com ilusões assim também é a religião que escraviza e engana a consciência do homem, veremos que o estado que tem esse poder de controle principalmente na classe trabalhadora do qual boa parte é religiosa, iremos ver a influência da religião nos homens, na segunda parte analisaremos uma crítica que Marx faz em uma publicação do pensador Bruno Bauer que defende a abolição de vez da religião iremos ver que Karl Marx é contrário a essa ideia radical e que Marx de certa forma respeita a religião e não vê necessário o seu fim para a emancipação do homem.

Palavras chave: Marx, religião, emancipação, teoria social.

Abstract: This work aims to expose Karl Marx's thesis of which he criticizes religion our main text is the famous work Critique of Hegel's philosophy of law of 1843 of which Marx writes only the introduction around 1843 to 1844, was published between February 7th and 10th, 1844, in the first part we will work with Marx's famous phrase, religion is the opium of the people, a phrase that bothered many people and still bothers, let's see what Marx means by this phrase and why religion is compared to a drug that is opium, because in the same way that the drug leaves people with illusions, so is the religion that enslaves and deceives the conscience of man, we will see that the state that has this power to control mainly in the working class of which a good part is religious, we will see the influence of religion on men, in the second part we will analyze a critique that Marx makes in a publication by the thinker Bruno Bauer who defends the abolition of religion once and for all. We will see that Karl Marx is against this radical idea and that Marx somehow respects religion and does not see its end necessary for the emancipation of man.

Keywords: Marx, religion, emancipation, social theory.

¹ Possui Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Centro de Ciências Humanas e da Educação (CCHE/CJ) campus Jacarezinho, Paraná (2019) e Pós-graduações Lato Sensu em Antropologia Brasileira, na Faculdade de Administração, Ciência e Educação de Minas Gerais (2021), Ciências da Religião, na Faculdade de Administração, Ciência e Educação de Minas Gerais (2022). Fez parte dos programas como bolsista, Programa institucional de bolsa de iniciação à docência (PIBID) e Programa Residência Pedagógica todos pela CAPES. Participou do programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PICV) com o tema de pesquisa, Associabilidade como problema em Rousseau, pesquisador nas áreas da Filosofia Antiga, Metafísica voltado para o estudo do Tempo, Ciência da Religião, Antropologia e Educação. Atualmente é professor da rede pública do estado de São Paulo. E-mail: carlos_music82@hotmail.com

Introdução

Podemos ver que, nos dias de hoje, o tema religião é ainda bastante discutido dentro e fora do meio acadêmico. A religião é um sistema sociocultural com práticas e comportamentos. Ora, a palavra religião deriva do latim *religare*, ou seja, religar, voltar se conectar a algo espiritual, sagrado, com base em uma revelação divina. Mas e quando a religião é usada como uma forma de controle onde os seres humanos são manipulados por algo que eles mesmo criaram, sim a religião é uma criação humana. Eis aqui onde Marx, em um texto extenso na introdução da celebre obra *A crítica da filosofia do direito de Hegel*, diz que a religião é o ópio do povo. Boa parte da humanidade é religiosa e se incomoda em imaginar que sua crença serve como um ópio, por isso é fundamental entendermos o que Marx quer dizer com essa frase, porque, segundo ele, o homem cria a religião e não a religião que cria o homem. Quer dizer, o homem cria as ilusões, as superstições, onde a sua consciência é enganada. O Estado e a sociedade são os responsáveis por produzir essa consciência no homem que é a religião. Vamos deixar claro que Marx não era um perseguidor da religião e muito menos queria acabar com a religião, pois ele respeitava a religião e via que ela deveria ser buscada somente pelo lado espiritual e não de outra forma. A religião impede que o homem construa a sua realidade como homem sem ilusões². A pergunta central de Marx é qual é o papel da religião na sociedade, nesse trabalho iremos ver a crítica de Marx ao sistema religioso que é imposto na sociedade principalmente pelo capital que explora a religião de uma forma de controlar o homem em seu trabalho, veremos que o homem trabalha, é explorado e o seu salário não condiz com o que ele produziu, e o seu salário é bem menor, mas a religião cria uma ilusão que ele será recompensado no paraíso, e que a religião põe no homem uma esperança de salvação não nesse mundo mas no além, um mundo perfeito, sem as imperfeições do mundo real, um lugar fictício, mas para libertar o homem do seu estilo de vida religiosa ilusória é necessário combater um sistema que é a estrutura social política, econômica e capitalista que envolve a sociedade.

Marx faz uma crítica ao pensador Bruno Bauer, do qual quer abolir de vez a religião que é o oposto de seu pensamento. Para Bauer, a religião separa as pessoas; portanto, seria preciso a emancipação dos religiosos, o Judeu tem que abdicar do judaísmo e o Cristão do cristianismo, e abolindo de vez a religião. Afinal, o pensador alemão afirma que há uma confusão no pensamento de Bauer pelo fato de não falar sobre a emancipação da humanidade e sim de um determinado povo específico.

² (MARX, 1957a p. 379), na qual Marx enfatiza: “A crítica da religião desiludiu o homem, para que ele pense, aja, construa a sua efetividade como um homem sem ilusões, um homem que chegou à idade da razão, para que gravite em volta de si mesmo, isto é, do seu sol efetivo.

A religião é o ópio do povo

Para começarmos o texto devemos entender que o marxismo compreende que todas as relações humanas são explicadas a partir da atividade dos próprios seres humanos, sendo essa atividade que tem como fundamento a relação ser humano natureza, é mediada pelo trabalho onde o ser humano produz e reproduz a vida, o marxismo não aceita explicações metafísicas em relação a sociedade, é explicado como funciona as estruturas sociais pelas próprias relações sociais, históricas, econômicas e políticas, não é Deus ou qualquer outra força da natureza, ou seja, não é nenhum ente metafísico fora da materialidade das relações humanas que irá explicar como funciona a sociedade. Por isso o marxismo entra em conflitos com relações religiosas onde o mundo é criado por uma entidade superior sendo que esse mundo funciona conforme a sua regra e desígnios. Mas não são todos os religiosos que pensam assim existem muitos estudos a respeito desse tema como o próprio livre arbítrio do qual Deus não interfere na sua criação.

Na obra a Crítica da filosofia do direito de Hegel a famosa frase polêmica de Karl Marx “a religião é o ópio do povo” incomodou e ainda incomoda muita gente, até mesmo nos tempos atuais, devemos entender por que a religião é o ópio do povo, para Marx a religião é entendida como uma superstição, uma idolatria, um ópio, do qual engana a consciência do homem, Marx não perseguiu a religião, e nem tão pouco quer por um fim a religião, uma vez que a religião é uma questão privada do qual deve ser respeitada, se deve desvelar a sua exploração na sociedade do qual se oprimiu o homem através do estado e da política, a religião dava uma falsa esperança as pessoas isso foi muito usado pela classe dominante, do qual o trabalhador recebia um salário muito baixo, e de acordo com a religião ele deveria trabalhar sem reclamar pois seria recompensado no céu, de acordo com Marx a religião é um conceito de alienação, e a religião faz parte desse processo, sendo que produz ao indivíduo uma vida afetiva, que estaria ligada a vida material. Karl Marx cita na introdução da celebre obra *Crítica da filosofia do direito de Hegel, boa parte da população é religiosa para compreendermos melhor vamos entender o pensamento de Karl Marx do qual ele diz:*

Este é o fundamento da crítica irreligiosa: o homem faz a religião, a religião não faz o homem. e a religião é de fato a autoconsciência e o autossentimento do homem, que ou ainda não conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente. Mas o homem não é um ser abstrato, acorrido fora do mundo. o homem é o mundo do homem, o estado, a sociedade. esse estado e essa sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido. a religião é a teoria geral deste mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica em forma popular, seu point d’honneur³ espiritualista, seu entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua base geral de consolação e de justificação.

³ Ponto de honra.

Ela é a realização fantástica da essência humana, porque a essência humana não possui uma realidade verdadeira. Por conseguinte, a luta contra a religião é, indiretamente, contra aquele mundo cujo aroma espiritual é a religião. A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. a religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. ela é o ópio do povo. (Marx, 2005,2010, P 145)

De forma alguma Marx desprezava a religião ele via a religião como fruto de uma sociedade em decadência, segundo Marx o humano faz a religião e não a religião faz o humano o nosso pensador em estudo dirá como o capital influenciou a religião, mas para isso devemos entender o que é religião, qual o seu significado, podemos dizer que a religião para Marx expressa as seguintes maneiras, ou seja, como uma expressão as avessas, como se fosse um reflexo invertido de onde se encontra o homem em uma sociedade capitalista, por isso, a um tipo de protesto contra a dor e o sofrimento, um desamparo , isso causa no homem uma barreira para construir na prática uma transformação na sociedade sempre marcada pela propriedade privada do qual se tem a exploração do homem pelo homem, mas a religião põe no homem uma esperança, uma salvação, não nesse mundo mas sim no além, no paraíso, uma ilusão de um outro mundo imaginário, celestial e sem misérias, ou seja, um mundo melhor, perfeito, do qual o homem se vê livre dessa dor insuportável do mundo, dessa vida miserável, essa é uma ilusão para que ele possa suportar a dor do mundo do capital da exploração e desumanização, e para isso ao homem é fornecida a religião, sendo a religião uma explicação não verdadeira mais bem fantasiosa da realidade em que o homem está inserido. O Homem está em uma realidade mistificada, isso leva-o a passividade, o conformismo e a resignação e também o leva a esperança de uma recompensa celestial, Marx diz:

A crítica da religião leva à doutrina de que o homem é o ser supremo para o homem e, conseqüentemente, ao imperativo categórico de derrubar todas as relações, nas quais o homem é um ser humilhado, escravizado, abandonado e desprezível. (Marx, 1957a, p. 385).

Querendo libertar o homem da religião e de suas ilusões religiosas, era necessário primeiramente libertar o homem de seu estilo de vida religiosa, livrando assim o homem das ilusões e trazendo ele para uma realidade em que as coisas estão, no mundo real, para que isso aconteça é preciso combater a causa da religião, que é a estrutura social, política e econômica e capitalista que envolve a sociedade, observa Marx:

Assim, a tarefa da história, depois que o mundo do além da verdade se desvaneceu, consiste em estabelecer a verdade deste mundo. É primeira tarefa da filosofia, que está a serviço da história, desmascarar o auto-estranhamento humano em suas formas não santificadas, depois que ela foi desmascarada na forma sagrada. Com

isto, a crítica do céu se converte na crítica da terra, a crítica da religião na crítica do direito, a crítica da teologia na crítica da política. (Marx, 1957a, p. 379).

Segundo Marx a crítica a religião é a premissa preliminar, ou seja, um pressuposto para toda a crítica, pois para Marx ao criticar a religião também estamos criticando a realidade, de onde ela nasce, de onde ela surgiu, ou seja, a fonte do entontecimento religioso. A religião não é autônoma é existente em si mesma, nela a uma reflexão exterior “supraterrestres” que passam a dominar o homem, é uma reflexão desfigurada, expressão alterada, consciência invertida, pois, Deus fez o homem, e não o homem fez Deus, a religião é criada em um mundo distorcido, onde o estado é o fundador da sociedade civil e não a sociedade civil que é a formadora do estado, do qual o capital se apropria onde o sujeito trabalhador aparece, mas não aparece como sujeito e sim como um dependente do capital, sendo que o capital é dependente do trabalho do sujeito. Acrescenta Marx:

Não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens que aqui, para eles, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Por isso, para encontrar uma analogia, temos de nos deslocar à região nebulosa do mundo da religião. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas, que mantêm relações entre si com os homens. Assim no mundo das mercadorias, acontece com os produtos da mão humana. Isso eu chamo de fetichismo, que adere aos produtos de trabalho, tão logo são produzidos como mercadorias, e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias. Esse caráter fetichista do mundo das mercadorias provém [...] do caráter social peculiar do trabalho que produz mercadorias [...]. O reflexo religioso do mundo real somente pode desaparecer, quando as circunstâncias cotidianas da vida prática representarem para os homens relações transparentes e racionais entre si e com a natureza. (1962, p. 86-87, 94)

91

Podemos ver que Marx denominou assim o fenômeno social e psicológico, onde que as mercadorias parecem ter uma vontade independente, Marx quis dizer que a mercadoria perdia a sua relação com o trabalho de construção, onde o trabalho ganha vida própria, Karl Marx extraiu o termo “fetiche” da bíblia, naquela passagem onde Moises sobe ao monte Sinai atrás de Deus, e recebe as tábuas dos dez mandamentos, mas quando Moises volta para seu povo para contar a boa nova, ele nota que o povo havia criado novos ídolos e tinham juntado todo ouro na construção de uma imagem, que simbolizava um bezerro de ouro, transformando essa imagem em um objeto de adoração e o nome dado a essa imagem era fetiche, Marx estava querendo dizer que o homem estava tratando as mercadorias que deixavam de conter seus aspectos úteis e que passava a ter um valor simbólico, quase divino, tornando assim um objeto de adoração, podemos ver o que Marx diz:

O mistério da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais de seu próprio trabalho como características objetivas dos produtos do trabalho mesmo, como qualidades naturais sociais destas coisas, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social de objetos, que existe fora deles. Por meio desses quiproquós os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sociais, sensíveis e suprassensíveis. [...] É apenas a relação social determinada dos próprios homens, tomada aqui por eles como a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas.” “Já que os produtores somente entram em contato social mediante a troca dos produtos de seu trabalho, também as características especificamente sociais de seus trabalhos privados só aparecem dentro dessa troca. [...] Por isso, aos últimos [aos produtores], as relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem como o que elas são, isto é, não como relações imediatamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, mas, pelo contrário, como relações reificadas entre as pessoas e relações sociais entre as coisas. (MARX, 1962, p. 86-87).

Chagas avalia:

[...] o religioso que produz Deus, mas não se vê como seu criador, porém, como criatura externa e dominada por Deus. Marx mostra ainda que, nessas condições fetichizadas, os homens enquanto homens são abolidos e se tornam coisas vivas (de ordem mercadológica), enquanto os produtos de seu trabalho, as mercadorias, aparecem como atributos de si mesmas, autonomizadas, dotadas de um poder sobrenatural, ocultando, desse modo, a sua origem, a sua fonte, isto é, o trabalho social que as fundamenta. (CHAGAS, 2017, p. 12).

O homem cria Deus, mas não o vê como seu criador tornando submisso a vontade de algo criado por si mesmo, onde o oculta de si próprio a sua origem, deixando de ser autônomo. A religião não é a base do mundo, mas é a expressão, onde o homem é dividido entre um ser universal que é Deus e o seu próprio ser individual que vive em um mundo real, concreto, um mundo que é fragmentado, indo contra o pensamento de Feuerbach do qual inverteu a ordem da crítica do qual revela o segredo da religião, mas sem revelar o seu segredo material, o seu fundamento é que a sociedade concreta que funciona como uma engrenagem na religião, segundo Marx não é revelando diretamente a religião que revelaremos o seu segredo e sim estudando e analisando as suas raízes sociais, Marx diz:

Feuerbach parte do fato do auto-estranhamento religioso, da duplicação do mundo num mundo religioso imaginário e num mundo real. Seu trabalho consiste em dissolver o mundo religioso em seu fundamento terreno. Ele não vê que, depois de completado esse trabalho, o principal ainda resta por fazer. Mas o fato de que este fundamento se eleve de si mesmo e se fixe nas nuvens como um reino

autônomo, só pode ser explicado pelo autodilaceramento e pela auto-contradição desse fundamento terreno. Este deve, pois, ser primeiramente compreendido em sua contradição e depois revolucionário praticamente, pela eliminação da contradição. Assim, por exemplo, uma vez descoberto que a família terrestre é o segredo da sagrada família, é a primeira que deve ser criticada na teoria e revolucionada na prática. (MARX, 1958, p. 534).

Marx e também Engels enfatizam que as ideias pertencem a uma época, não uma época determinada, ou seja, não se fala da práxis a partir das ideias, se explica as práxis a partir das formações ideológicas através da práxis material, partindo de pressupostos reais da produção da vida como beber, comer, ter habitação, vestir-se, segundo um trecho da obra ideologia alemã Marx analisa:

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanação direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc de um povo. [...] E se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem invertidos como numa câmara escura, tal fenômeno decorre de seu processo histórico de vida (MARX e ENGELS, 1999, p. 36; 37).

93

Sendo que as ideias e as representações são produzidas pelos homens como a filosofia, moral e a religião e qualquer outra ideologia elas não são autônomas e independentes, são expressões ideais da matéria do mundo real que tem como matriz a produção e o material da vida social humana. Por isso Marx acreditava que Feuerbach realmente inverteu as ordens pois ele não partia de pressupostos reais, ele ignorou a base social para se criticar a religião não percebendo que ela não é autônoma, atemporal, abstrata, e sim a religião é um produto social e que passa por transformações dentro de seus períodos históricos.

Será necessária grande perspicácia para compreender que as ideias, as concepções e os conceitos dos homens, numa palavra, a sua consciência, mudam com as alterações introduzidas nas suas condições de vida, nas suas relações sociais, na sua existência social? Que demonstra a história das ideias senão que a produção intelectual se transforma com a produção material? (Marx, 1959, p. 480).

Podemos ver que, na citação acima, Karl Marx sugere uma significativa consideração do modo de vida do sujeito, das condições de vida para uma compreensão da realidade do mesmo. Considera-se que essas relações têm muito a ver com o lugar e a cultura do sujeito, pois para compreender as condições de vida temos que ver as suas relações sociais e a história por traz dos homens. Isso porque

as condições de vida mudam com o passar do tempo, e para libertar o homem das suas ilusões religiosas é preciso libertá-lo primeiramente do seu modo de vida, modo de vida esse que o leva a ansiar pela religião, portanto, é preciso mudar o mundo em que o homem vive, um mundo das suas ilusões. Essa abolição da ilusão vivida pelo homem seria uma forma de ele viver a sua felicidade real.

A crítica de Marx à ideia de Bauer

Não só Feuerbach, mas também Bruno Bauer tratam do problema da religião. De todo modo, aqui veremos a teoria de Bruno Bauer e depois vamos ver a crítica de Marx, pois Bauer preza pelo fim da religião e já Marx faz a crítica ao estado, à política, pois não é só uma disputa teológica como diz Bauer, e sim uma questão humano-social, que envolve os modos de vida do homem. Ora, vamos entender o que diz Bauer:

O Estado cristão conhece apenas privilégios. O judeu, neste Estado, possui o privilégio de ser judeu. O Estado cristão, em razão de sua natureza, não pode emancipar o judeu; mas o judeu, em razão de sua essência, não pode ser emancipado. Enquanto o Estado permanecer cristão e o judeu continuar a ser judeu, são igualmente incapazes, aquele de conferir e este de receber a emancipação. (MARX, 1957, p. 347-348).

Podemos ver que Bauer concentra a sua atenção em uma abolição da religião, ou seja, a religião é um fator de segregação humana, impede a formação do bem comum, o estado teológico para Bruno Bauer é menos estado que o estado político, do qual é formado por homens livres em que podem desfrutar de tal liberdade sem o intermédio da religião. Esse sim seria o homem racional, livre, vivendo em um estado laico, antirreligioso. Segundo Chagas:

Tanto os cristãos como os judeus devem superar o preceito teológico, o qual Bauer considera contrário à razão e à natureza humana. Por isso, o Estado teológico é, para ele, menos Estado que o Estado político, profano, já que a presença da religião e de seus critérios na esfera pública impedem a formulação de um bem comum, fundado na comunidade de homens livres, na igualdade de direitos e no desfrute da liberdade. (CHAGAS, 2017, p. 139).

Por isso, segundo Bauer, é preciso que o Judeu abdique ao judaísmo e o Cristão abdique ao Cristianismo e que todos os indivíduos renunciem a religião assim podem ser cidadãos políticos, e, para isso, o homem precisa abolir de vez a religião, pois os religiosos têm privilégios, como uma igreja privilegiada, pois o homem tem que renunciar de vez a religião para que assim ele possa se emancipar politicamente como cidadãos. Ao contrário vemos Karl Marx, que vê que não tem necessidade do indivíduo renuncie a sua religião para desfrutar de sua liberdade dentro do plano político, então veremos o que Marx diz a respeito:

Devido ao fato de não formular a questão a este nível, Bauer cai em contradições. Põe condições que não são fundadas na natureza mesma da emancipação política. [...] Quando Bauer diz aos adversários da emancipação judaica: “O seu erro foi somente supor que o Estado cristão era o único verdadeiro e que não tinha de submeter-se à crítica dirigida ao judaísmo” – vemos o equívoco de Bauer no fato de só submeter à crítica o “Estado cristão”, e não o “Estado como tal”; de não analisar a relação entre emancipação política⁴ e emancipação humana e, portanto, de colocar situações que só se explicam pela confusão, devido às lacunas da crítica, entre emancipação política e emancipação geral da humanidade. (1957b, p. 350-351).

Aqui podemos ver que Marx não parte da mesma ideia de Bauer em relação de emancipar de vez a religião, pois Bauer tem a sua atenção no fim da religião exclusivamente, por esse fato ele faz a sua crítica e pede para que todos os religiosos e ao estado o fim da religião, por ser algo que divide a humanidade, a religião traz separações, afasta as pessoas as dividem em grupos. Bruno Bauer, aponta que é necessário a emancipação, o Judeu ao abdicar do judaísmo ele conseguiu a sua emancipação política. Ao contrário do pensamento de Bauer, Marx não busca a base da imperfeição do estado na religião e sim no próprio estado político, para Marx parte-se da emancipação política⁴ e humana. O filósofo Karl Marx se preocupa com essa condição da emancipação política dos judeus da Alemanha, pois o próprio Bauer condena o egoísmo povo judeu do qual deseja uma emancipação especial pois os judeus segundo Bauer deveria trabalhar pela emancipação da humanidade, e o erro de Bauer segundo Marx sublinha é que o único estado verdadeiro é o estado cristão, onde segundo Marx a uma confusão pelo fato de Bauer não falar sobre a emancipação geral da humanidade e sim de um determinado povo, Bauer fala mais da emancipação do povo judeu e fala não com muita ênfase na emancipação do povo cristão, para Marx isso não faz sentido.

Considerações finais

Portanto vimos que para o pensador Karl Marx a religião é uma idolatria, um ópio do qual enganava a mente das pessoas, faz as pessoas viverem em um mundo fictício e o homem tem que se libertar dessa vida de ilusão, segundo o nosso pensador o humano faz a religião e não a religião faz o humano, o mundo é do humano, o mundo do estado, é o mundo da sociedade, sendo que é a sociedade que produz a religião e não ao contrário, e o estado é o humano, o estado produtor da religião, e podemos ver o quando as pessoas nos dias de hoje tem dependência da religião, onde pessoas rejeitadas pela sociedade veem na religião uma forma de ancoragem, a

⁴ A emancipação política do judeu, do cristão – do homem religioso em geral – é a emancipação do Estado em relação ao judaísmo, ao cristianismo e à religião em geral [...]. A emancipação política da religião não é a emancipação integral, sem contradições, da religião, porque a emancipação política não constitui a forma plena livre de contradições, da emancipação humana (MARX, 1964, p. 42).

religião é um fruto de uma sociedade em declínio do qual a classe dominante se apropria da mente das pessoas através da mão de obra do trabalhador, sendo que o homem trabalharia sem um salário digno e seria recompensado no céu, assim a classe dominante usou dessa forma para ter o controle sobre os trabalhadores, a religião segundo Marx é um conceito de alienação, não adianta atacar a religião diretamente se o mundo e o sistema continuar o mesmo, a religião tem que ser eliminada como uma felicidade ilusória a religião deixa as pessoas entorpecidas e não conseguem perceber que é o mundo em que elas vivem que está doente e isso impede que a luta de classes aconteça pois segundo Marx quando mais o homem põe em Deus, menos o homem conserva em si mesmo a religião é fruto de uma sociedade oprimida e sofredora.

Karl Marx de forma alguma era um perseguidor e queria o fim da religião o oposto do pensamento de Bruno Bauer do qual se concentrava na abolição da religião, de acordo com Bauer a religião é um fator de segregação humana do qual impede a formação do bem comum, Bauer pede o fim da religião, a emancipação humana, que é o oposto do pensamento de Marx que busca a imperfeição do estado na religião e sim no próprio estado político. Portanto podemos ver a importância do pensamento de Marx na questão da religião do qual ele diz que ela é o ópio do povo, ele também usa a religião para pensar a política, economia e questões sociais, valores e a própria filosofia, do qual a religião é um produto humano e a religião é sim um sintoma do capitalismo, feudalismo e também do escravismo. Este ópio ao invés de nos libertar nos aprisionam de uma forma relativamente confortável neste mesmo mundo que nos domina e nos explora, devemos segundo Marx olhar com respeito para o sentimento religioso pois historicamente revela a dor e a angústia do nosso tempo do qual é preciso transformar, superar esse sentimento, a religião gera todo esse sofrimento humano, e não é somente a religião o nosso ponto de transformação, e sim uma estrutura geral que esta no tempo presente e se chama capitalismo.

Podemos ver a importância de se estudar o tema religião, vemos que através da história a religião influenciou guerras, perseguições e muitas atrocidades, como no período da idade média onde ocorreu a santa inquisição, onde a figura de um Deus que castiga aqueles que não seguem o seu caminho proposto pelos homens religiosos que o criaram esse Deus que puni são castigados e muitas das vezes mortos, podemos analisar os sistemas religiosos dos dias de hoje e nos perguntar, será que esta diferente da crítica que Marx fez?

Referências

CHAGAS, E. F. "The critique of the religion as critique of the social reality in Karl Marx's thought". In: *Trans/formação*, Marília, v. 40, n. 4, p. 133-154, out./dez., 2017.

KORSCH, K. *Marxismo e filosofia*. Porto: Afrontamento, 1977.

_____. Thesen über Feuerbach. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Werke* (MEGA). Berlin: Dietz,

1958. V. 3.

_____. *Das Kapital*. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Werke* (MEGA). Berlin: Dietz, 1962.

MARX, K. e ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Hucitec. São Paulo: 1999, p. 36-37.

MARX, K. *Crítica da filosofia do direito de Hegel, 1843* / Karl Marx ; tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus ; [supervisão e notas Marcelo Backes]. [2. ed revista]. - São Paulo: Boitempo, 2010 MARXISMO21.

_____. *A burguesia e a contra revolução*. São Paulo: Ensaio, 1987.

_____. *A questão judaica*. São Paulo: Maraes, 1980.

_____. *A revolução antes da revolução*. São Paulo: Expressão Popular, [1871] 2008.

_____. *Cartas sobre El Capital*. Barcelona: Laia, 1974

_____. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. *Trabalho assalariado e capital*. 4. ed. São Paulo, Global, 1987.

_____. *A questão judaica*. In.: *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1964, p. 35-73.

_____. *Formações econômicas pré-capitalistas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

Submissão: 21. 05. 2022 / Aceite: 24. 06. 2022